

Histórias à sombra do Montado

— nº1 —

Distribuição Gratuita



“Quem se preocupa com os netos planta um sobreiro”

Ditado popular

Caraterizado por florestas de sobreiros ou azinheiras ordenadas nas planícies onduladas, o Montado é hoje a paisagem que simboliza o Alentejo, marcando a cultura, os ciclos de trabalho e a economia local.

Constitui um dos ecossistemas mais ricos do mundo e Portugal tem a maior área a nível mundial (concentra 34% da área mundial, num total de 736 mil hectares que correspondem a 23% da floresta nacional).

O Montado de sobro é uma verdadeira reserva de biodiversidade natural, incluindo fauna selvagem, pastagens e flora diversa.

Para além da produção de cortiça, de lenha e bolota, apresenta também capacidade de sustentar outras atividades económicas com importância regional e local, nomeadamente a criação de carne de qualidade e de leite, enquanto bases da indústria agroalimentar, a apicultura, a recolha de cogumelos e de plantas aromáticas e medicinais, a caça, e as atividades turísticas (turismo de natureza, turismo rural e ecoturismo).

Acresce ainda o seu papel estratégico no equilíbrio ambiental, nomeadamente na conservação dos solos, regulação hidrológica, sequestro de carbono.

Apesar da Assembleia da República ter reconhecido em 2011 o sobreiro como árvore nacional, de ser uma espécie protegida desde 2001, e de estar a pouco tempo de ser considerado paisagem cultural da humanidade pela UNESCO, o Montado de sobro encontra-se atualmente em declínio.

A investigação que tem sido realizada tem concluído que as causas da mortalidade residem num conjunto de factores, muitos deles originados pela ação humana, como as más práticas agrícolas realizadas em algumas explorações, sendo as condições ecológicas um factor determinante no desencadear da situação, como o stress hídrico provocado por períodos de seca ou pluviosidade anormal que podem favorecer a propagação de doenças.

Desta forma, quisemos construir um projeto que preste a merecida homenagem ao sobreiro e ao Montado de sobro, reforçando sentimentos de identidade e pertença que atravessam múltiplas gerações e, simultaneamente, possa contribuir para disseminar um conjunto de boas práticas para a preservação do Montado que podem ser implementadas por todos.

Hugo Tornelo e Rita Gonzalez


A CONTRADIÇÃO do SOBREIRO
História: AFONSO CRUZ
Desenho: MARTA TEIVES

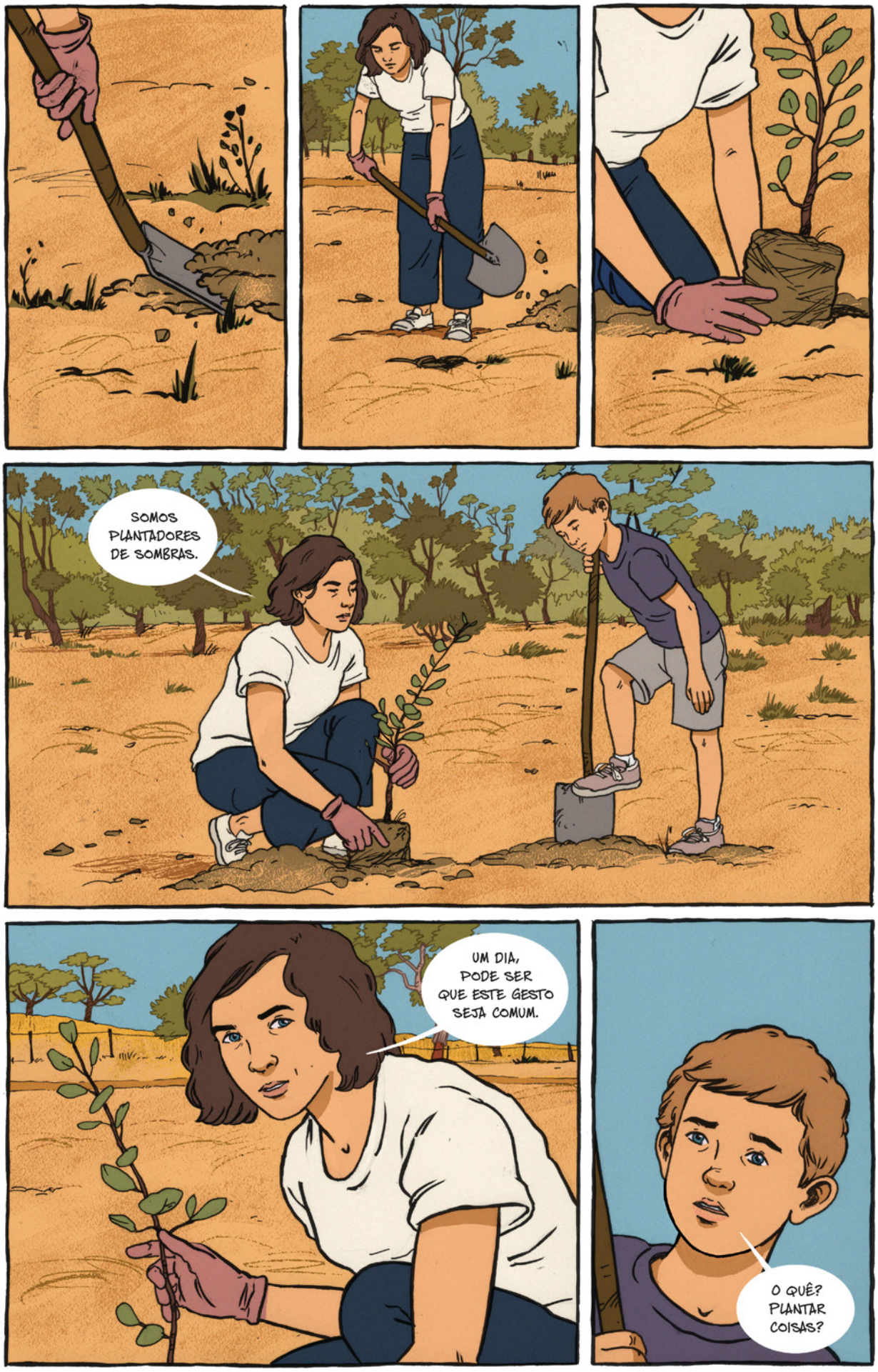

"A CONTRADIÇÃO DO SOBREIRO."
"A VIDA DESCREVE-SE PELA CONTRADIÇÃO DO SOBREIRO: O JOVEM NÃO TEM PACIÊNCIA PARA ESPERAR MEIO SÉCULO PARA QUE A ÁRVORE CRESÇA E SEJA ADULTA. POR ISSO, NÃO A PLANTA."
"QUANDO CHEGA A VELHO E, FINALMENTE, TEM PACIÊNCIA PARA ESPERAR, PLANTA-A, MAS JÁ NÃO TEM TEMPO PARA A VER CRESCER."


ESQUECESTE-TE DO AVÔ.


ELE COSTUMAVA FALAR TANTO. NÃO ESTOU HABITUADA AO SEU SILÊNCIO.
JT 20 07
NÃO HÁ CONTRADIÇÃO NENHUMA, PAPÁ.


ESTÁS A FALAR COM O AVÔ?
SIM.
É MAU SINAL QUANDO VEMOS O FIM DAQUILO QUE PLANTAMOS. NÃO É SUPOSTO UM PAI TESTEMUNHAR A MORTE DO SEU FILHO.
DEUS DISSE A MOISÉS: "ESTA É A TERRA QUE TE PROMETI, MAS NÃO VAIS ENTRAR NELA." E MOISÉS MORREU.
AGORA ESTOU AQUI, À SOMBRA DA ÁRVORE QUE PLANTASTE. UMA SOMBRA QUE DEMOROU QUARENTA ANOS A SER ADULTA.


ALGUÉM DISSE CERTA VEZ QUE DESCOBRIMOS O SENTIDO DA VIDA QUANDO PLANTAMOS UMA ÁRVORE SABENDO QUE JAMAIS NOS SENTAREMOS DEBAIXO DA SUA SOMBRA.


SOMOS PLANTADORES DE SOMBRAS.
UM DIA, PODE SER QUE ESTE GESTO SEJA COMUM.
O QUÊ? PLANTAR COISAS?


"SIM, OFERECER ALGO AO FUTURO. PLANTAR UM FUTURO."
2


ALMOGRAVE
ODEMIRA
RELÍQUIAS


VIAGEM NO TEMPO
HISTÓRIA: LUÍS AFONSO
DESENHO: JOANA AFONSO

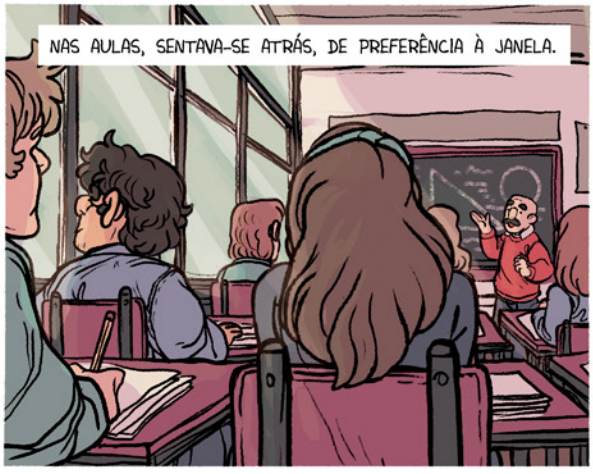

O MAR ESTÁ A TRINTA QUILÓMETROS DO MONTE ONDE ANTÓNIO VIVIA, MAS A SUA PRESENÇA NÃO SE FAZIA SENTIR.


ALI, PERTO DA ALDEIA DE RELÍQUIAS, É CAMPO. ELE ERA, POIS, UM RAPAZ DO MEIO RURAL.


ISSO TINHA A SUA IMPORTÂNCIA NA ESCOLA DE ODEMIRA, PARA ONDE SE DESLOCAVA DIARIAMENTE PARA ESTUDAR.




SENDO DE FORA, AINDA POR CIMA DE UMA ALDEIA DO INTERIOR DO CONCELHO, NÃO ERA FÁCIL FAZER AMIZADES. E ANTÓNIO ERA DE POUCAS FALAS.

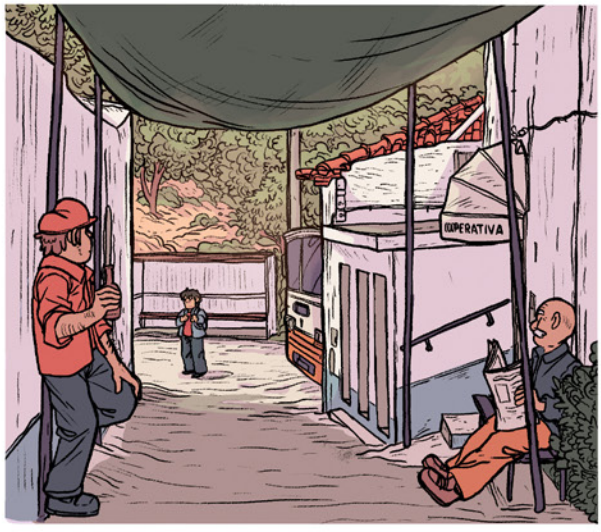

NAS AULAS, SENTAVA-SE ATRÁS, DE PREFERÊNCIA À JANELA.




PERMANECIA ESQUECIDO A OLHAR PARA O EXTERIOR.


ÀS VEZES, OS PROFESSORES DIZIAM-LHE ALGUMA COISA E ELE NEM SE APERCEBIA.
O QUADRADO DA HIPOTENUSA É IGUAL A QUÊ, ANTÓNIO?
UM DIA, SURGIU UMA COLEGA NOVA.
VIERA DE FORA, OS PAIS TINHAM IDO TRABALHAR PARA ODEMIRA.
CHAMAVA-SE INÊS.
MORENA, DE OLHOS CLAROS, ERA COMUNICATIVA E TORNOU-SE RAPIDAMENTE MUITO POPULAR. OS RAPAZES, SOBRETUDO, NÃO A LARGAVAM, TENTANDO A SUA SORTE. ELA FALAVA E RIA COM ELES, MAS NÃO SE ENVOLVIA COM NENHUM.
ANTÓNIO JAMAIS VIRA BELEZA ASSIM EM ALGUÉM. SE É POSSÍVEL FALAR EM PAIXÃO À PRIMEIRA VISTA, FOI ISSO QUE LHE ACONTECEU. ANTÓNIO PASSOU A TER SÓ OLHOS PARA ELA, MAS SEM NUNCA TER CORAGEM PARA SE APROXIMAR.

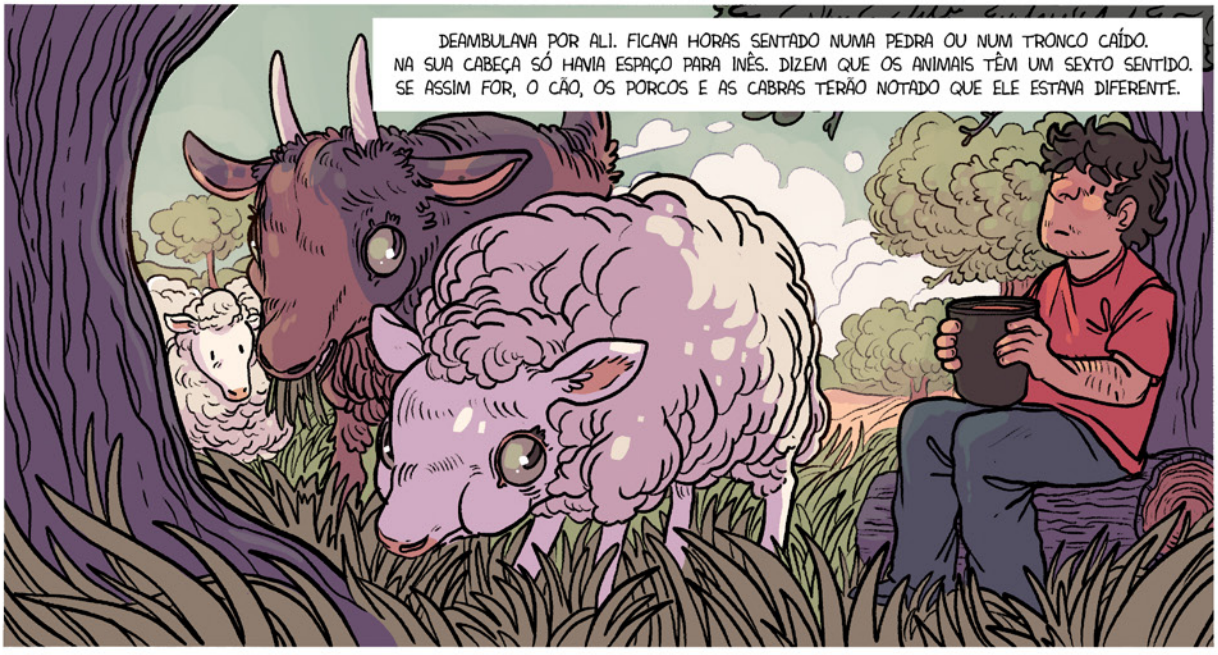

AO REGRESSAR A RELÍQUIAS, NO AUTOCARRO,
JÁ NÃO OLHAVA PARA O CAMINHO.


COOPERATIVA


NO MONTE, OS TRABALHOS QUE FAZIA, PARA AJUDAR
OS PAIS, ERAM EXECUTADOS DE FORMA DESATENTA.

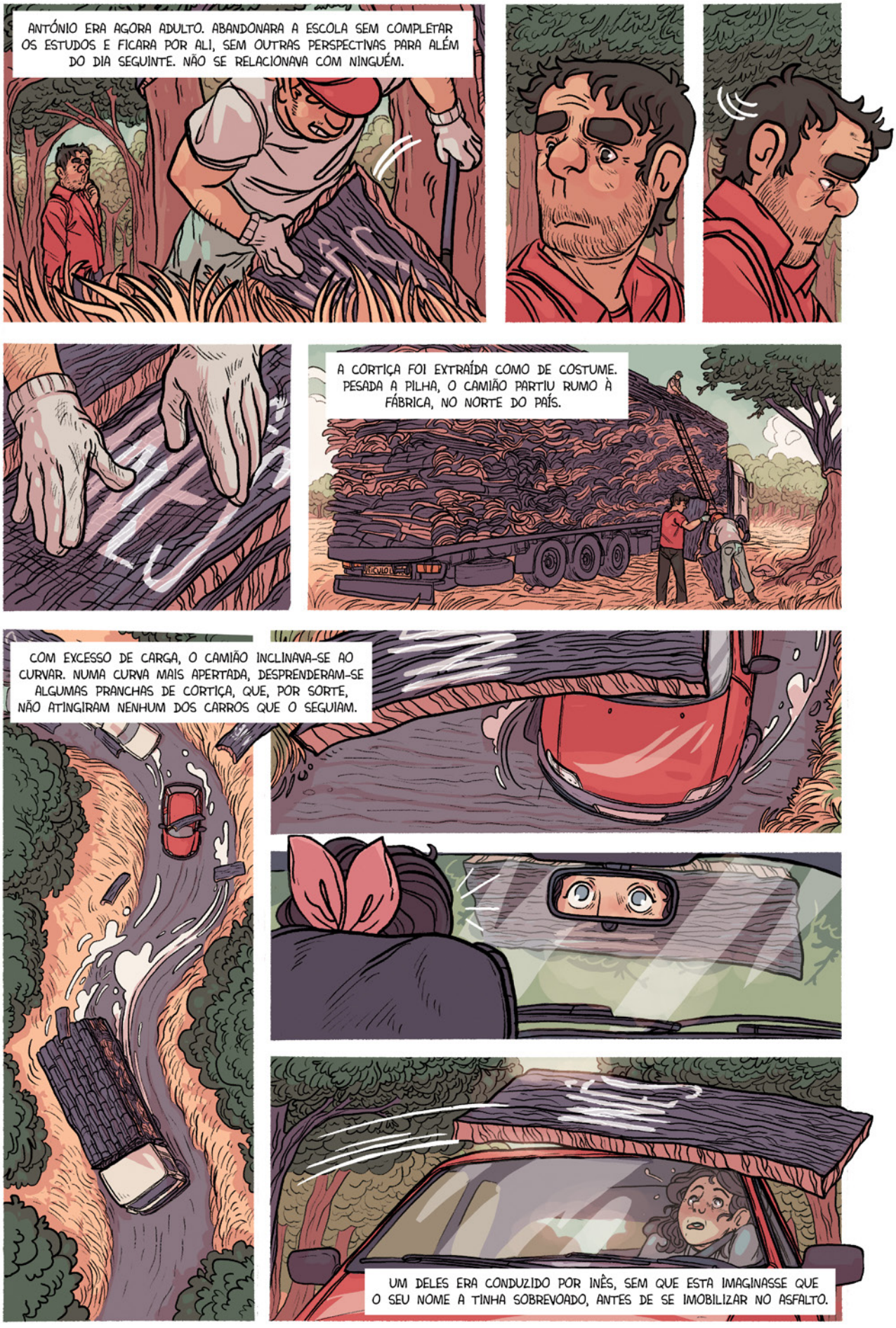





DEAMBULAVA POR ALI. FICAVA HORAS SENTADO NUMA PEDRA OU NUM TRONCO CAÍDO.
NA SUA CABEÇA SÓ HAVIA ESPAÇO PARA INÊS. DIZEM QUE OS ANIMAIS TÊM UM SEXTO SENTIDO.
SE ASSIM FOR, O CÃO, OS PORCOS E AS CABRAS TERÃO NOTADO QUE ELE ESTAVA DIFERENTE.


AS FÉRIAS DE VERÃO CHEGARAM SEM QUE ANTÓNIO TIVESSE ALGUMA VEZ DITO A INÊS O QUE SENTIA POR ELA.
E NÃO MAIS TERIA ESSA OPORTUNIDADE, CONCLUIU, QUANDO, NUM DIA EM QUE FOI A ODEMIRA, VEIO A SABER QUE PARTIRA.
AQUELA MENINA QUE MORAVA AQUI AO LADO? JÁ NÃO MORA, PARECE QUE OS PAIS FORAM TRABALHAR PARA OUTRA TERRA.
NO REGRESSO AO MONTE, TRAZIA COM ELE TODA A TRISTEZA QUE SE PODIA ENCONTRAR NO LITORAL ALENTEJANO.
CABISBAIXO, NEM VIU PASSAR AS CARRINHAS COM OS TIRADORES DE CORTIÇA.


ERA ANO DE DESCORTIÇAR. COM A PERÍCIA DE ANOS, OS HOMENS DESNUDARAM RAPIDAMENTE OS SOBREIROS. AS PRANCHAS DE CORTIÇA FORAM EMPILHADAS NUM CANTO DESTINADO À PESAGEM E RECOLHA.
ENTRETANTO, MARCARAM-SE OS TRONCOS LISOS A TINTA BRANCA, COM UM NÚMERO, O ÚLTIMO ALGARISMO DO ANO DA EXTRACÇÃO.
ANTÓNIO, QUE ACOMPANHOU DE LONGE AS OPERAÇÕES, REPAROU NUMA LATA DE TINTA ESQUECIDA.
INÊS
ENTÃO, CORREU A ESCREVER "INÊS" EM TODOS OS TRONCOS ATÉ ACABAR A TINTA.
COMO A CORTIÇA CRESCE DE DENTRO PARA FORA, O NOME MULTIPLICADO DE INÊS CONTINUAVA VISÍVEL NOVE ANOS DEPOIS, QUANDO CHEGOU A ALTURA DE NOVO DESCORTIÇAMENTO.


ANTÓNIO ERA AGORA ADULTO. ABANDONARA A ESCOLA SEM COMPLETAR OS ESTUDOS E FICARA POR ALI, SEM OUTRAS PERSPECTIVAS PARA ALÉM DO DIA SEGUINTE. NÃO SE RELACIONAVA COM NINGUÉM.
A CORTIÇA FOI EXTRAÍDA COMO DE COSTUME. PESADA A PILHA, O CAMIÃO PARTIU RUMO À FÁBRICA, NO NORTE DO PAÍS.
COM EXCESSO DE CARGA, O CAMIÃO INCLINAVA-SE AO CURVAR. NUMA CURVA MAIS APERTADA, DESPRENDERAM-SE ALGUMAS PRANCHAS DE CORTIÇA, QUE, POR SORTE, NÃO ATINGIRAM NENHUM DOS CARROS QUE O SEGUIAM.
UM DELES ERA CONDUZIDO POR INÊS, SEM QUE ESTA IMAGINASSE QUE O SEU NOME A TINHA SOBREVOADO, ANTES DE SE IMOBILIZAR NO ASFALTO.

INÊS VIVERA EM VÁRIAS LOCALIDADES, CONSOANTE O TRABALHO DOS PAIS. RESIDIA ACTUALMENTE PERTO DE COIMBRA, ONDE SE HAVIA FORMADO NA ÁREA DA QUÍMICA. QUERIA SER INVESTIGADORA, MAS AINDA NÃO CONSEGUIRA UMA BOLSA. PARA JÁ, TINHA UM EMPREGO MAL REMUNERADO, QUE LHE DAVA PARA SOBREVIVER ENQUANTO SE CANDIDATAVA A LUGARES NO ESTRANGEIRO, QUE VIA COMO ÚNICA SOLUÇÃO PARA O SEU FUTURO.

QUÍMICA

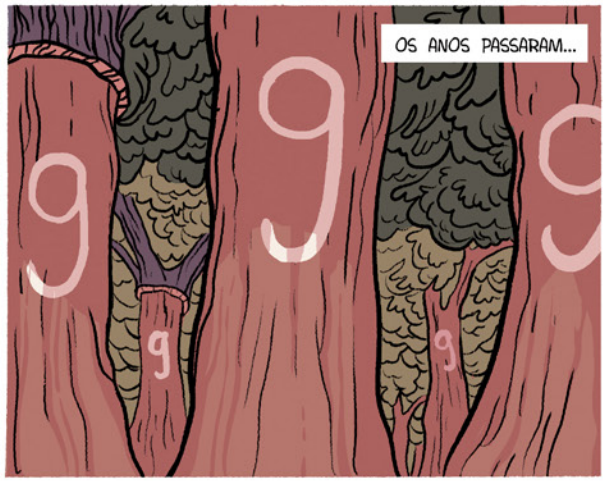
COM MEIA DÚZIA DE PRANCHAS EM FALTA, O CAMIÃO CHEGOU ENFIM À FÁBRICA.

A PILHA DE CORTIÇA FOI DESCARREGADA E ARMAZENADA.

MESES MAIS TARDE, APÓS ESTAR BEM SECA E TRATADA, A CORTIÇA DEU ORIGEM A ROLHAS PARA GARRAFAS.

PARTE DAS ROLHAS FOI EXPORTADA.

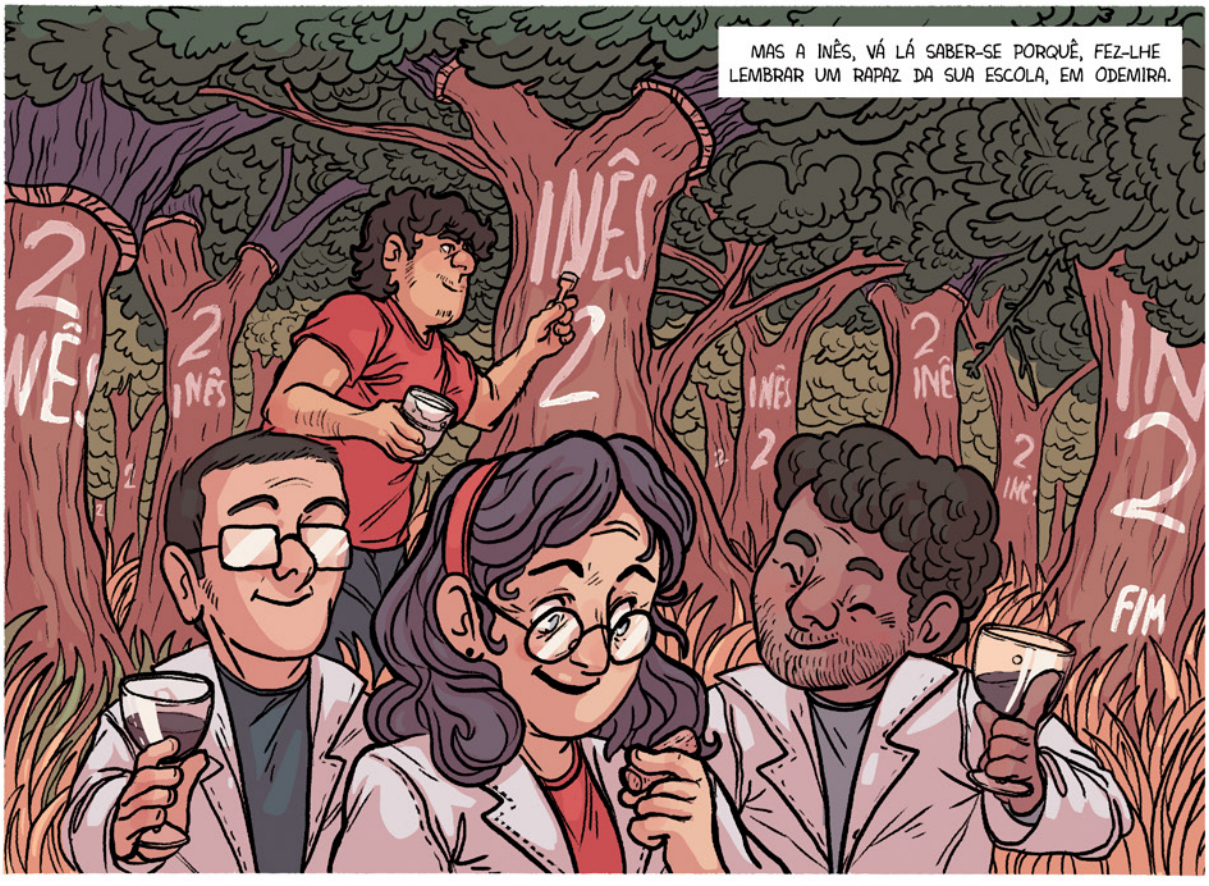




DUAS DÉCADAS DEPOIS, NUM LABORATÓRIO EM VANCOUVER, NO CANADÁ, PARA FESTEJAR A APROVAÇÃO DE UM NOVO MEDICAMENTO, TRÊS CIENTISTAS ABRIRAM UMA GARRAFA DE UM VINHO CALIFORNIANO.





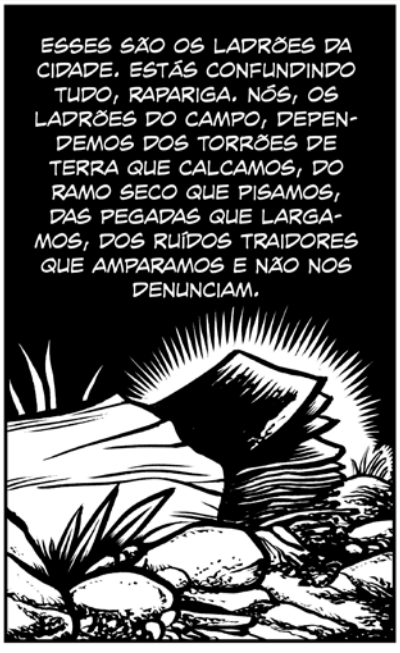


DE NOITE AMANHEÇO, DE MANHÃ ANOITEÇO

HISTÓRIA: ANA MARGARIDA DE CARVALHO
DESENHO: JOÃO MAIO PINTO













PARTE PELA ESTRADA COM A PRUDÊNCIA DOS ANIMAIS NOCTURNOS, SEGUES PELO CAMINHO DO MONTADO, PELA ORLA DA SERRA, ONDAS DE PLANÍCIE, O TRILHO DESAPARECE DOS TEUS PÉS, MAS GUIAS-TE PELO APELO DO ROSMANINHO QUE A ESSA HORA É MAIS INTENSO, QUANDO A DOCE ESSÊNCIA DA LAVANDA SE SOBREPOR SABERÁS QUE É ALTURA DE VOLTAR À DIREITA, AOS TEUS PÉS SENTES A AGRURA DE UM MURO ANTIGO, QUE AINDA DEIXOU AS SUAS ARESTAS PARA PROVAR QUE UM DIA ESSA CIVILIZAÇÃO EXISTIU.

DEVES CONTAR 97 PASSOS, NÃO MAIS, UM PÉ EM FRENTE AO OUTRO, COM PRECISÃO DE FUNÂMBULO, ESMAGAS OS TORRÕES DE TERRA ENTRE OS TEUS DEDOS, QUEBRAS HASTES DE MARGARIDAS, ESCANGALHAS CONSTRUÇÕES DE FORMIGAS.

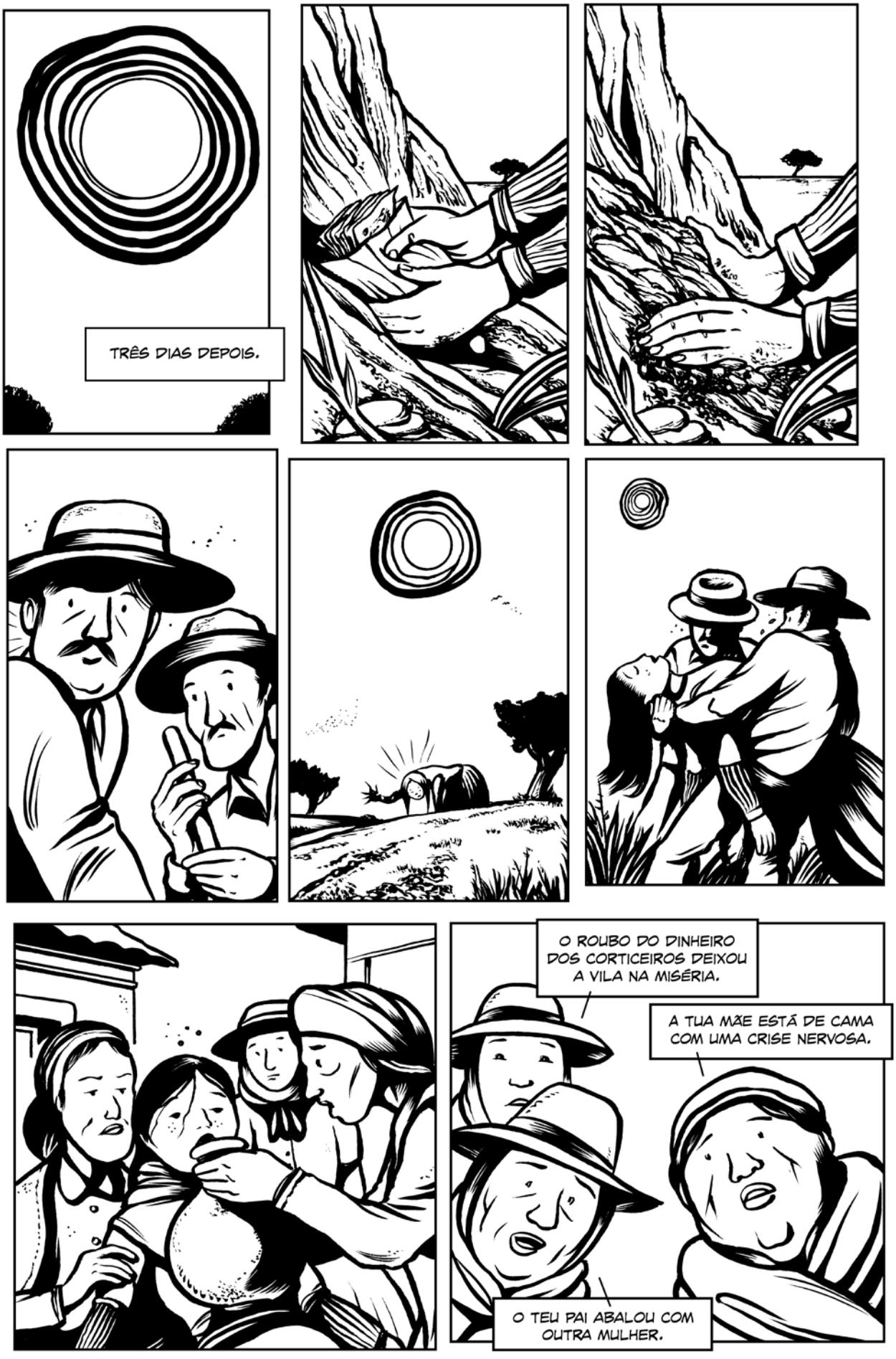
CONTINUAS A CONTAR E SÓ QUANDO CHEGARES AO PASSO 97, SÓ ENTÃO, TE VOLTAS PARA TRÁS E VERÁS NO TEU OMBRO ESQUERDO AS LUZES LONGÍNQUAS E FRIAS DA CASA GRANDE, À TUA DIREITA ESTÃO TRÊS SOBREIROS DESCARNADOS COM O NÚMERO QUATRO DE CAL.

LÁ NO MEIO VERÁS O DESTROÇO DE UMA OLIVEIRA, TÃO ANTIGA QUE JÁ SERVIU LAGARES DE VISIGODOS, E TÃO ESQUECIDA PELOS SÉCULOS QUE OS TRONCOS FORAM DESABANDO, E AS RAMAGENS RASTEJAM NO CHÃO.

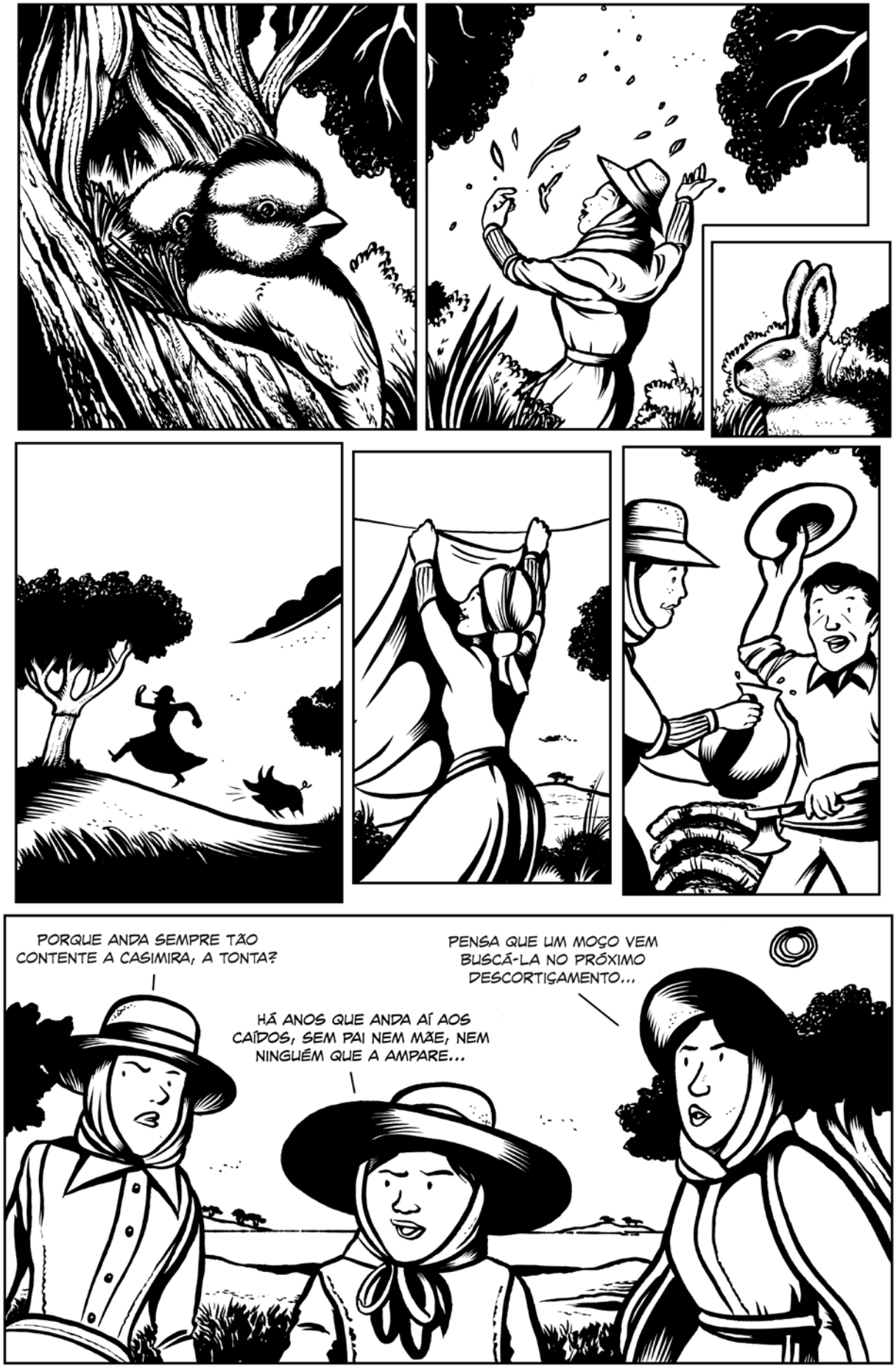
VERÁS QUE É OCA POR DENTRO, E TEM O ESPAÇO CERTO PARA ALBERGAR DOIS CORPOS. ESPERARÁS PELO MEU, E NÃO SAIRÁS SEM SER ACOMPANHADA POR MIM. NÃO RESPONDAS A CHAMAMENTOS, NÃO REAJAS A VOZES ESTRANHAS, NÃO TEMAS O RONCO DO PORCO PRETO.

APENAS TENS DE ESPERAR POR MIM, MINHA CASIMIRA.

SIM, MEU JOÃO.


TRÊS DIAS DEPOIS.
O ROUBO DO DINHEIRO DOS CORTICEIROS DEIXOU A VILA NA MISÉRIA.
A TUA MÃE ESTÁ DE CAMA COM UMA CRISE NERVOSA.
O TEU PAI ABALOU COM OUTRA MULHER.


CASIMIRA,...
NÃO PUDE COMPARECER AO ENCONTRO. AS ESTRADAS ESTAVAM VIGIADAS. FIQUEI ESCONDIDO EM CASA DE UM VELHO CEGO. PARTO COM O DINHEIRO, MAS VOLTAREI PARA TE VIR BUSCAR NO PRÓXIMO CICLO DA CORTIÇA. ASSINADO: TEU JOÃO.

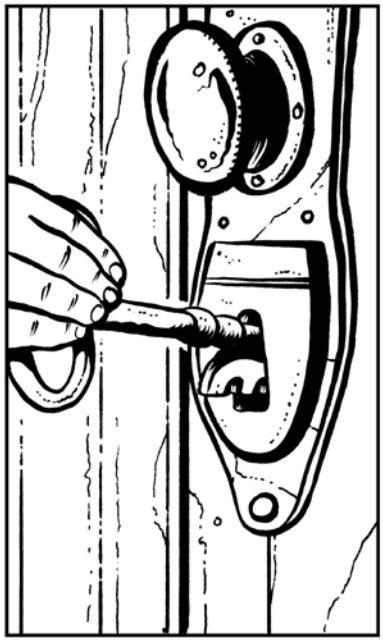

PORQUE ANDA SEMPRE TÃO CONTENTE A CASIMIRA, A TONTA?
HÁ ANOS QUE ANDA AÍ AOS CAÍDOS, SEM PAI NEM MÃE, NEM NINGUÉM QUE A AMPARE...
PENSA QUE UM MOÇO VEM BUSCÁ-LA NO PRÓXIMO DESCORTIÇAMENTO...


1975
VIVA A REFORMA AGRÁRIA


NO MEIO DE TANTO LUXO, TANTO FAUSTO, TANTO LUSTRE,


TANTO ANIMAL EMBALSAMADO, TANTA FOTOGRAFIA DE GENTE MORTA, UI, QUE ATÉ ARREPIA,


QUEM DIZ QUE O NOSSO DINHEIRO DA CORTIÇA NÃO ESTARÁ PARA AQUI PERDIDO...






BEM-VINDO, SENHOR PATRÃO.



PASSARAM 18 ANOS, SERÁ QUE A TONTA AINDA ACREDITA QUE O MOÇO A VEM BUSCAR?

ACREDITA SIM. DIZ QUE RECEBEU UMA NOVA CARTA...





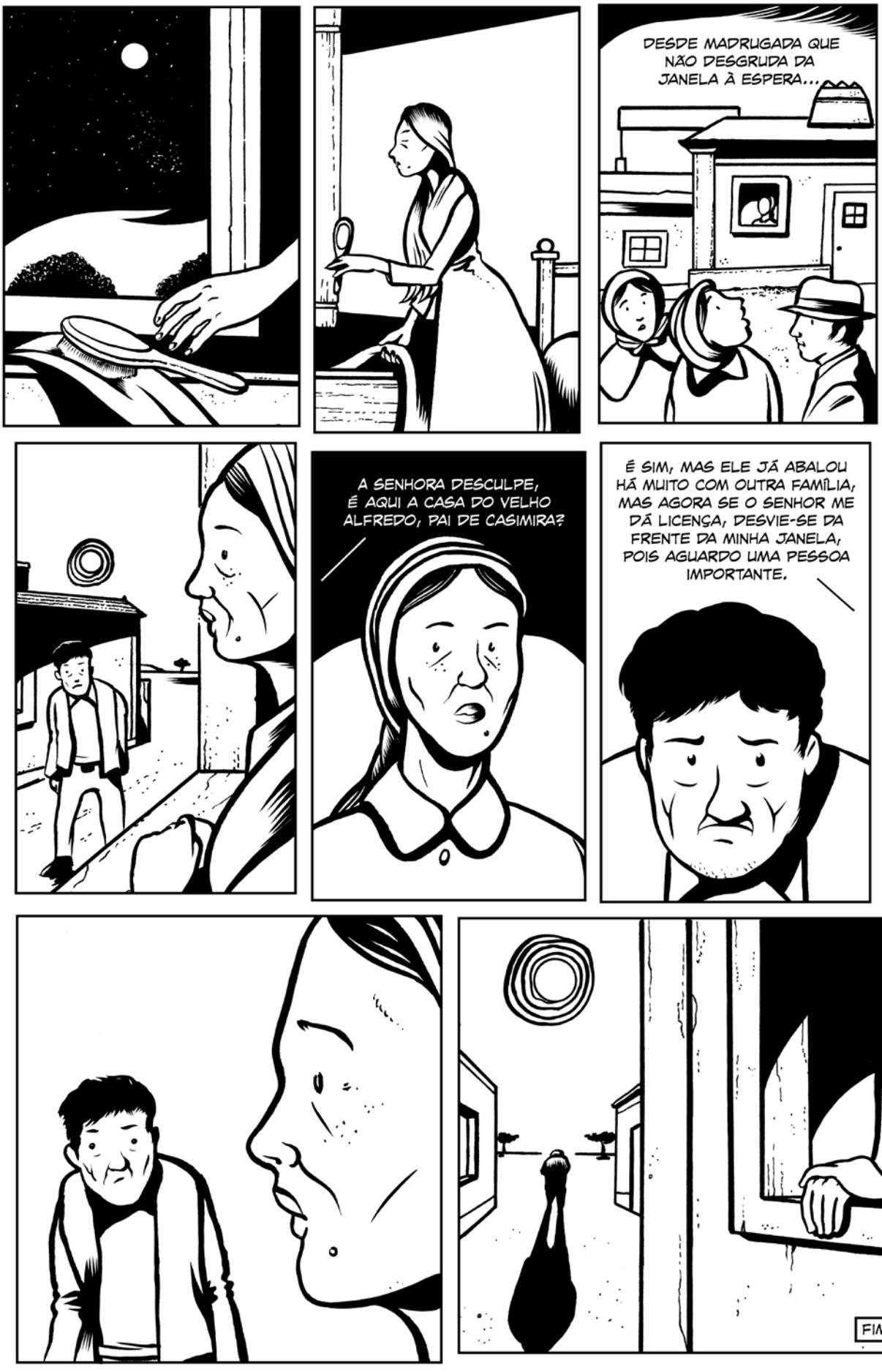
DESCULPA-ME SE TARDEI. A VIDA DEU MUITAS VOLTAS E AINDA MAIS PARANÇAS. REGRESSO PARA TE VIR BUSCAR NO SEGUNDO DIA DO DESCORTIÇAMENTO.



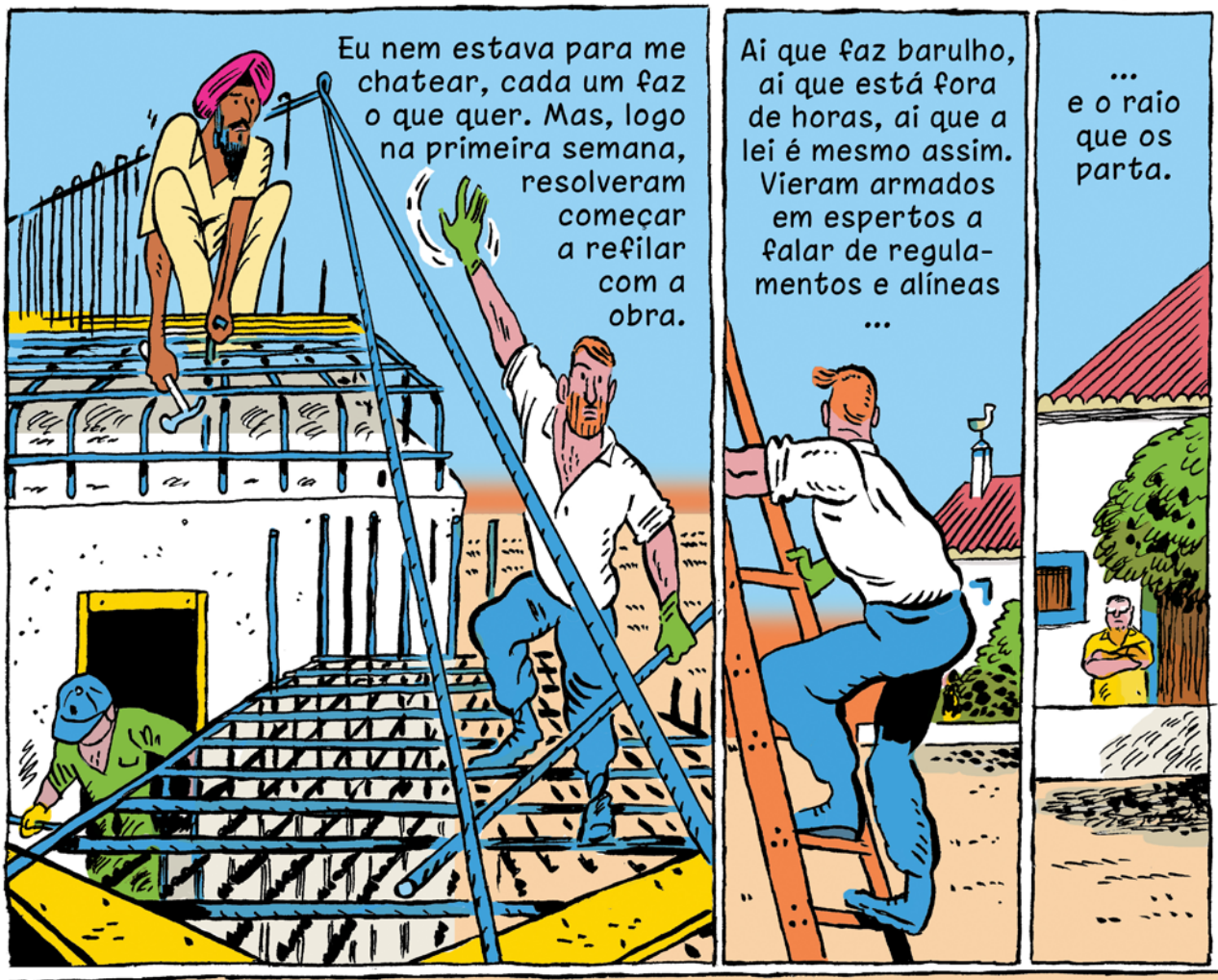




TEU JOÃO.


DESDE MADRUGADA QUE NÃO DESGRUDA DA JANELA À ESPERA...
A SENHORA DESCULPE, É AQUI A CASA DO VELHO ALFREDO, PAI DE CASIMIRA?
É SIM, MAS ELE JÁ ABALOU HÁ MUITO COM OUTRA FAMÍLIA, MAS AGORA SE O SENHOR ME DÁ LICENÇA, DESVIE-SE DA FRENTE DA MINHA JANELA, POIS AGUARDO UMA PESSOA IMPORTANTE.
FIM


Desde que se mudaram para cá, só têm dado problemas.
PUM
PUM
PUM
PUM
PUM
PUM
PUM
PUM
PUM
PUM
PUM
Vêm demasiado ligados às regras lá da terra deles e acham que isto se faz como faziam.
PUM
PUM
PUM
São dois homens, vivem juntos, não dizem a ninguém que são casados, mas toda a gente sabe.
1



O VIZINHO

História:
Ana Bárbara Pedrosa

Desenho:
Nuno Saraiva

Irritei-me logo com o mais velho, que não parava de dizer:

Mas a lei é clara. A lei é clara. Não se viola a lei.

É como dá mais jeito. Você não entende isso?

A questão não é o jeito, homem. Dá-lhe mais jeito a si, menos a mim.

Mas, com o caloraço que isto faz ao meio-dia, não lhe parece normal que eu meta os homens a trabalhar mais cedo?

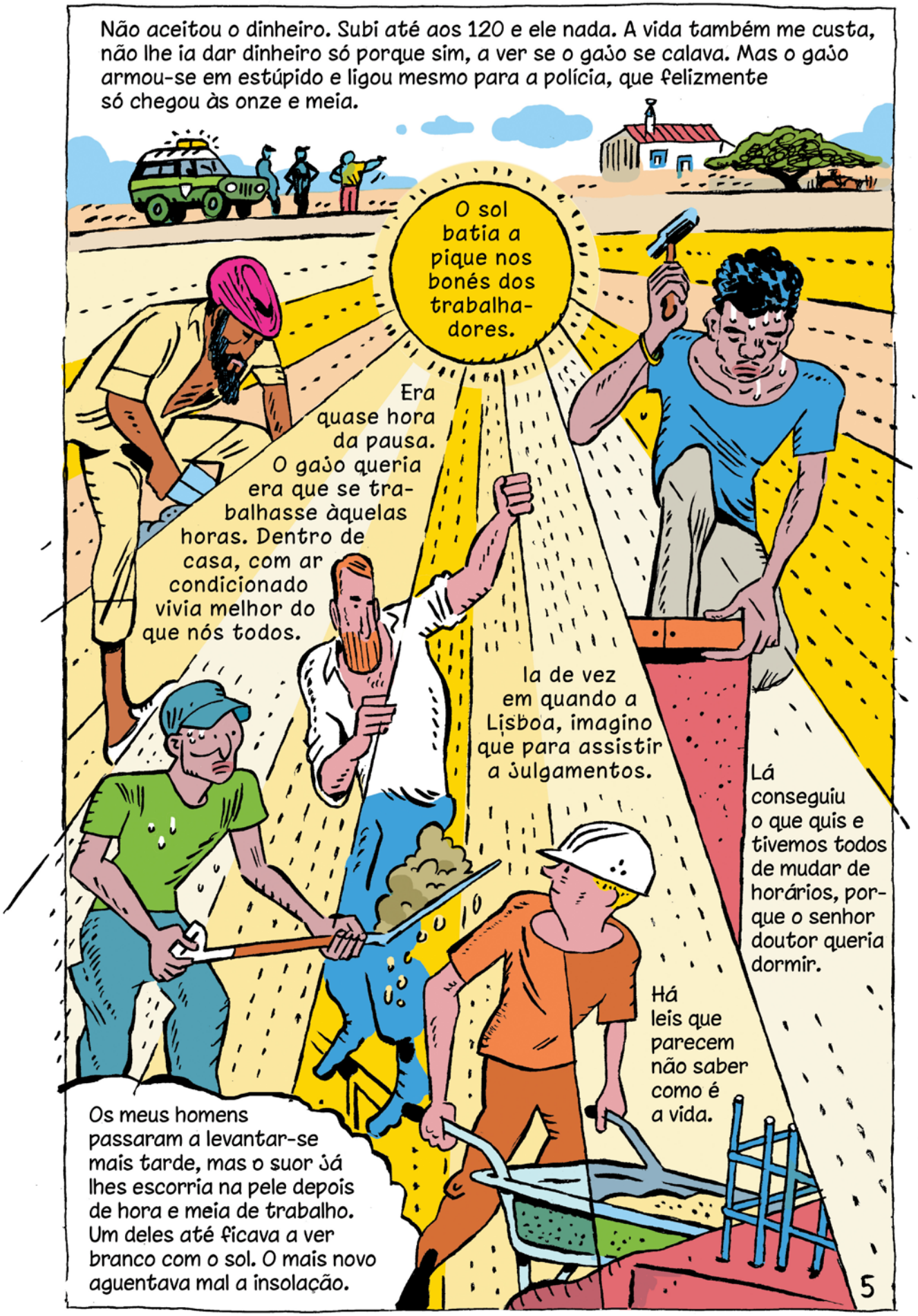
Olhe, eu de madrugada quero é dormir. E não temos de estar para aqui a argumentar. É a lei. A lei é taxativa.

O gajo não queria barulho antes das oito. Preguiçoso, queria era ficar na cama o dia inteiro.

Lá estão os advogados sempre com a mesma conversa. Falta-vos bom senso, é o que é.


Eu não sou advogado. Já lhe disse isso mais de cinquenta vezes.
Quero lá saber o que é ou deixa de ser. Só sei que está sempre à procura de lixar os outros forte e feio.
Eu não quero lixar ninguém. Só quero dormir de manhã.
Sim, sim. Um advogado tem de estar descansadinho para espetar a faca nos vizinhos.
Vou ter de lhe dizer outra vez que não sou advogado?
E continuou para ali a vociferar, que não era advogado, que era informático e não sei quê. Sei lá o que é o homem faz da vida, não admito é que me venham dizer como fazer o meu trabalho. Fui directo ao assunto.
Vá, diga-me lá quanto é que quer.
Quero zero. Zero decibéis. Quero silêncio, é quanto quero.
Sei reconhecer um aldrabão quando o vejo.
Aldrabão é você. E se não pára com isto vou mesmo chamar a polícia.
Um pouco de chantagem para sacar mais uns trocos.
Claro, os advogados e a polícia. Essa história já é velha. Diga lá: 50 euros e não me chateia a cabeça?
Guarde o seu dinheiro para si.
E vemo-nos em tribunal, é isso?
Talvez, se continua a insistir nisto.
Pois, é lá que você se dá bem, não é? Raio dos advogados, sempre a lixar a vida a toda a gente.
4

Não aceitou o dinheiro. Subi até aos 120 e ele nada. A vida também me custa, não lhe ia dar dinheiro só porque sim, a ver se o gajo se calava. Mas o gajo armou-se em estúpido e ligou mesmo para a polícia, que felizmente só chegou às onze e meia.



Os lisboetas, tanto o advogado como o marido, pareciam muito felizes quando iam à soleira da porta com um café na mão e uma laranja. Até tinham o descaramento de dizer

Bom dia!

Mas implicar era com os gajos. Já mandavam no horário alheio, tinham de pegar pelo que houvesse. Começaram pelo muro construído entre o terreno deles e o meu.

Tapa-me a vista. Isso como está tapa-me a vista!

Olhe, isso para mim é indiferente. Se o senhor ainda fosse simpático, se soubesse viver com os outros, ainda me podia importar que não visse a planície. Mas fiz aquele muro e não o vou deitar abaixo só porque o senhor não gosta dele. Isso para mim não é motivo!

Pois não. Tem toda a razão.

Então, se também acha, não me dê cabo dos miolos.

Não gostar não é motivo. Sabe o que é que é um bom motivo para o mandar abaixo?

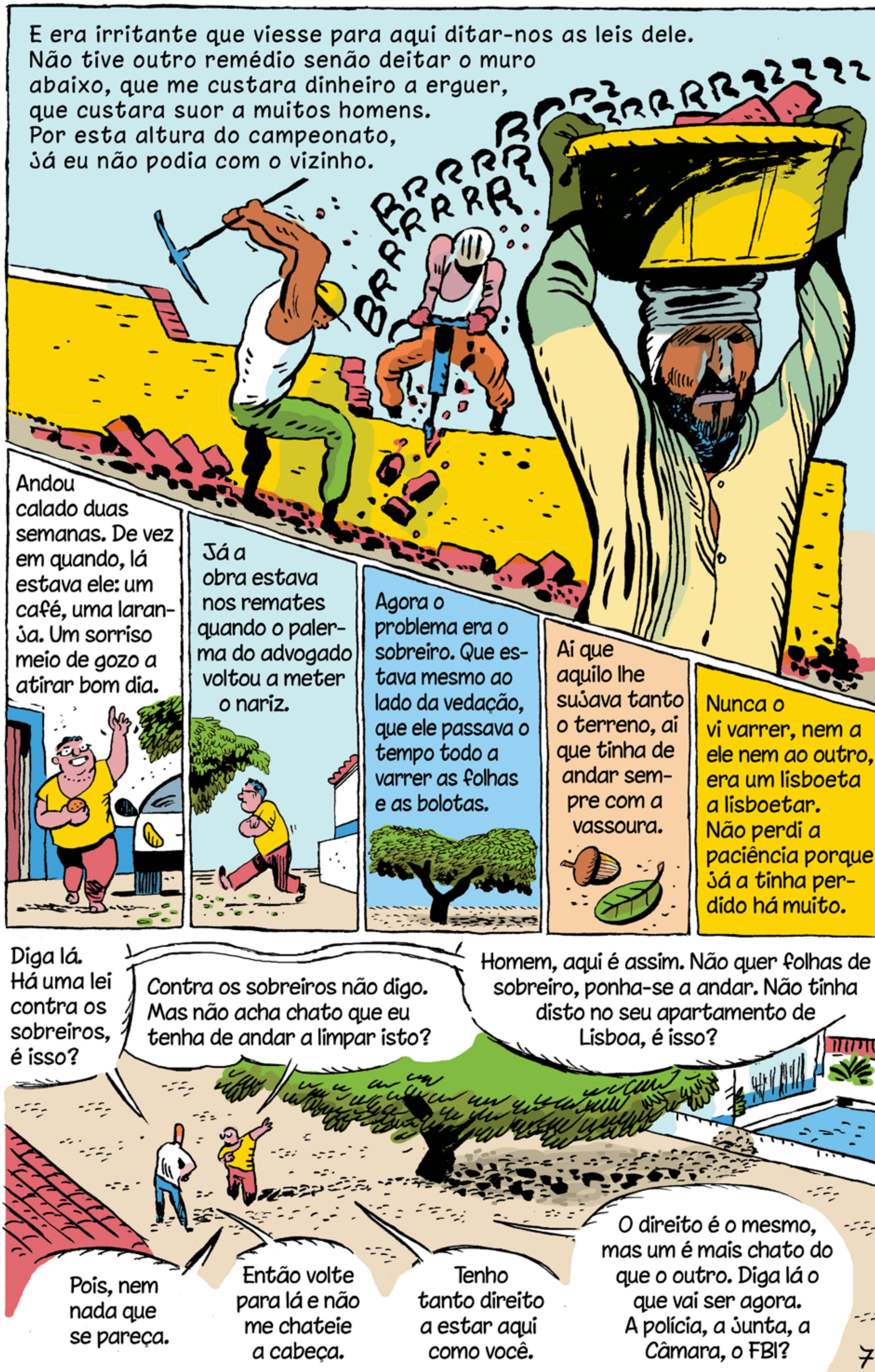
O quê, homem?

O quê? Deixe-me em paz.

Tê-lo construído ilegalmente.

Outra vez a porcaria da lei. Andava sempre com esta conversa, mas depois queria fingir que não era advogado. Como se as outras pessoas andassem sempre à procura de desculpas para espetarem a faca aos outros. Andámos nisto três ou quatro semanas. O gajo nem tentava ser boa gente, só tentava andar à caça de problemas.

O muro nem lhe estragava muito a vista e podia de qualquer forma olhar para o outro lado. Só gostava de embirrar.


E era irritante que viesse para aqui ditar-nos as leis dele.
Não tive outro remédio senão deitar o muro abaixo, que me custara dinheiro a erguer, que custara suor a muitos homens.
Por esta altura do campeonato, já eu não podia com o vizinho.
BRRRRRRRRRR
RRRRZZRRRRRRZZZZZZ
Andou calado duas semanas. De vez em quando, lá estava ele: um café, uma laranja. Um sorriso meio de gozo a atirar bom dia.
Já a obra estava nos remates quando o palerma do advogado voltou a meter o nariz.
Agora o problema era o sobreiro. Que estava mesmo ao lado da vedação, que ele passava o tempo todo a varrer as folhas e as bolotas.
Ai que aquilo lhe sujava tanto o terreno, ai que tinha de andar sempre com a vassoura.
Nunca o vi varrer, nem a ele nem ao outro, era um lisboeta a lisboetar. Não perdi a paciência porque já a tinha perdido há muito.
Diga lá. Há uma lei contra os sobreiros, é isso?
Contra os sobreiros não digo. Mas não acha chato que eu tenha de andar a limpar isto?
Homem, aqui é assim. Não quer folhas de sobreiro, ponha-se a andar. Não tinha disto no seu apartamento de Lisboa, é isso?
Pois, nem nada que se pareça.
Então volte para lá e não me chateie a cabeça.
Tenho tanto direito a estar aqui como você.
O direito é o mesmo, mas um é mais chato do que o outro. Diga lá o que vai ser agora. A polícia, a Junta, a Câmara, o FBI?

Aquele sobreiro fora plantado no dia em que o meu filho mais velho nasceu. Um fez-se homem, o outro árvore. Quando a minha neta era bebé, já os galhos eram fortes ao ponto de aguentarem um baloiço. Era o que me faltava pensar em mandá-lo abaixo.



Qual é a lei agora? Que lei é que impede as árvores de terem folhas?

O senhor já manda no horário dos meus homens, já me fez deitar um muro abaixo. Agora é uma árvore que o incomoda?



Não deu nenhuma resposta conclusiva. Voltou para dentro, e bem o vi ensimesmado. Devia ir lá meter o nariz no Código Civil, na Constituição, na Lei Superior dos Vizinhos Sem Noção. Não voltei a vê-lo e, na minha hora, larguei o serviço com os outros.

No dia seguinte, cruzámo-nos de novo, nem piou. Bebia o cafezinho e nem sequer disse bom dia. Já não estava com a pose de quem manda nisto tudo.

E, pelo silêncio, vi logo que não tinha arranjado maneira de me mandar o sobreiro abaixo.

N.S.

Autores



Afonso Cruz

Escritor

Afonso Cruz (Figueira da Foz, 1971) é um escritor, realizador de filmes de animação, ilustrador, designer e músico português. Estudou na Escola Secundária Artística António Arroio, nas Belas Artes de Lisboa e no Instituto Superior de Artes Plásticas da Madeira. Vive num monte alentejano perto de Casa Branca, no concelho de Sousel. Publicou mais de trinta livros, entre romances, conto, ensaio, poesia, teatro, não-ficção, e ilustrou outros tantos. Estreou-se no romance em 2008, e publica – em cadência anual – uma colecção difícil de classificar, intitulada Enciclopédia da Estória Universal (que tem, até à data, sete volumes publicados). Foi distinguido com diversos prémios, entre os quais, o Grande Prémio de Conto Camilo Castelo Branco, o Prémio Literário Maria Rosa Colaço, o prémio Autores SPA/RTP, o Prémio da União Europeia para a Literatura com o livro A Boneca de Kokoschka.



Luís Afonso

Escritor

Luís Afonso (Aljustrel, 1965) tem formação académica em Geografia e é cartoonista desde 1985. Tem rubricas diárias no Público (Bartoon), A Bola (Barba e Cabelo), Jornal de Negócios (SA) e RTP (A Mosca). É autor de dez livros de cartoons, nove como autor integral e outro como argumentista. Em 2012 estreou-se na ficção com O Comboio das Cinco, a que se seguiu O Quadro da Mulher Sentada a Olhar Para o Ar Com Cara de Parva e outras histórias (2016) e A Morte de A a Z (2022), editados pela Abysmo, e O Chef (2022), editado pela Relógio D'Água. É também autor de uma curta-metragem, Everestalefe (2019).



Foto: Vitorino Coragem

Ana Margarida de Carvalho

Escritora

Ana Margarida de Carvalho nasceu em Lisboa, onde se licenciou em Direito e exerceu jornalismo durante cerca 25 anos. Fez crítica de cinema e crónica. O seu romance de estreia Que Importa a Fúria do Mar (Teorema), recebeu o elogio da crítica, foi finalista de vários prémios e conquistou por unanimidade o Grande Prémio de Romance e Novela APE/DGLAB2013. O segundo romance, Não Se Pode Morar nos Olhos de um Gato foi nomeado para melhor livro do ano pela SPA, finalista do prémio Oceanos, venceu o Prémio Literário Manuel de Boaventura e, de novo, o Grande Prémio de Romance e Novela APE/DGLAB 2016, entrando assim no grupo estrito de autores portugueses duplamente distinguidos. Cartografias de Lugares Mal Situados, 10 contos de guerra, é o seu mais recente livro.



Foto: Rodrigo Cabrita

Ana Bárbara de Pedrosa

Escritora

Ana Bárbara Pedrosa (1990) escreveu os romances "Lisboa, chão sagrado" (2019), "Palavra do Senhor" (2021; finalista do prémio literário Fundação Eça de Queiroz) e "Amor estragado" (2023). Escreve regularmente para vários órgãos de comunicação social, é cronista no jornal Mensagem de Lisboa e na revista Sábado e faz crítica literária no Observador. É doutorada em Ciências Humanas, mestre em Estudos Portugueses, pós-graduada em Linguística e em Economia e Políticas Públicas e licenciada em Línguas Aplicadas.

Autores



Marta Teives

Artista

Nasceu, vive e trabalha em Lisboa. Estudou nas Belas Artes, tendo iniciado a sua actividade profissional na animação para cinema e televisão. Actualmente é ilustradora freelancer, e tem-se dedicado também à banda desenhada, contando já com várias histórias curtas publicadas em antologias, incluindo a TLS Series (A Seita) e a Café Espacial (Brasil). O seu primeiro álbum de BD, Os Regressos (com Pedro Moura), foi publicado pela Polvo em 2018 e obteve o galardão de Melhor Desenho nos Prémios Nacionais de Banda Desenhada (Amadora BD). O seu próximo álbum, um projecto de maior fôlego ainda em produção, tem publicação prevista para 2025.



Joana Afonso

Artista

Doutorada em Desenho pela FBAUL, trabalha nas áreas de ilustração, BD e ensino. Desenhou o argumento de Nuno Duarte no Álbum "O Baile", com o qual ganhou o prémio de Melhor Álbum do Amadora BD 2013, entre outros. Ganhou o prémio de melhor fanzine em 2021 com o "Bestiário da Isa", que editou de forma integral em 2022, publicação premiada pelo Vinhetas de Ouro na categoria de Melhor Arte. Também integrou projetos como o Pedro e o Imperador e o Auto da Barca do Inferno. Conta com colaborações com produtoras com trabalhos desde ilustração a concept artist.



Foto: Fernando Martins

João Maio Pinto

Artista

João Maio Pinto, nasceu no Caramulo em 1974 e é ilustrador, designer, docente do ensino superior e músico. Vive e trabalha em Lisboa. É licenciado em Design de Comunicação pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e tem publicada uma extensa obra de ilustração e design gráfico nos mais diversos media e estende também a sua atividade à música e animação, e expõe o seu trabalho com regularidade. É coordenador do Mestrado em Design Gráfico da Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha, onde leciona desde 2007.



Foto: Fernando Martins

Nuno Saraiva

Artista

Colaborou em toda a imprensa nacional editorial, à excepção do Diário da República e do Correio da Manhã. Autor de banda desenhada, é residente no jornal online @mensagemdelisboa e cartunista político do Inimigo Público (jornal Expresso). Desenha as Festas de Lisboa e Marchas desde 2014 até 2024. Mais recentemente, publicou com Manuel S. Fonseca o livro "25 de Abril, No Príncipio Era o Verbo" e ilustrou para o evento 50X2 da Comissão Comemorativa 50 anos do 25 de Abril. Professor nas escolas de arte Ar.Co e World Academy, coordena também o curso de ilustração digital na Lisbon School of Design (LSD). Entusiasta da Pintura Mural (com U) com inúmeros trabalhos expostos pela cidade, tais como "A História de Lisboa" (Alfama), "Fado" (Mouraria), "Mandela" (Campo Grande) ou "Pensão Amor" (Cais do Sodré). Em duas palavras: Ilustra Lisboas.

Boas práticas para a regeneração do Montado de sobro

Existem diversas medidas que podem ser implementadas e que contribuem para travar a degradação do Montado, dentre as quais destacamos...

1

Para **AUMENTAR A ABSORÇÃO E A INFILTRAÇÃO DE ÁGUA**, permitindo a retenção de humidade e a proteção do solo:

• **Construir barragens ou charcas (devidamente licenciadas)** para armazenamento de água da chuva;

• **Fazer sementeira direta com culturas de cobertura** para aumentar a capacidade de infiltração de água no solo;

• **Evitar lavrar o solo** de forma a protegê-lo da erosão;

• **Cobrir o solo à volta das árvores recém-instaladas** com uma cobertura natural que pode ser orgânica (palha, resíduos vegetais, lenhas, etc.) ou inorgânica (pedras, areia, etc.) para ajudar a reduzir a evaporação da água.





2

Para **MANTER A COBERTURA DO SOLO** e assim proteger o solo nos períodos de chuva, favorecendo a infiltração de água e tornando o solo mais fértil e produtivo:

• **Fazer pastoreio rotativo** para permitir a regeneração das pastagens;

• **Utilizar o corta-matos para o corte da vegetação**, evitando lavrar o solo e deixando no chão as folhas secas e outros resíduos vegetais dos sobreiros ou de outras árvores ou arbustos;

• **Deixar ficar o restolho nas áreas cultivadas e as palhas**, no caso das culturas de cereais;

• **Evitar deixar o solo nu,** sem qualquer vegetação, como acontece a seguir a uma lavoura.

3

Para **EVITAR A PROPAGAÇÃO DE DOENÇAS**, sendo as mais comuns o carvão do entrecasco e a fitóftora (esta última constitui a principal responsável pelo enfraquecimento e morte de sobreiros e azinheiras, ao atacar diretamente as raízes, embora os sintomas da doença se manifestem na copa das árvores):

• **Não fazer gradagens ou lavouras**, uma vez que danificam as raízes, fragilizando as árvores e promovendo a disseminação das doenças no solo (utilizar antes o corta-matos no controlo da vegetação);

• **Desinfetar os instrumentos de poda e descortiçamento**, evitando a dispersão da doença;

• **Desinfetar e proteger as feridas resultantes da poda** com pasta cicatrizante;

• **Podar e remover os ramos afetados** das árvores doentes (apenas no caso do carvão do entrecasco).



4

Para **MELHORAR O SOLO**, contribuindo para aumentar a sua fertilidade e fortalecendo-o para combater eventuais doenças:

• **Fazer sementeira ou plantação de leguminosas**, pois favorecem o enriquecimento do solo em azoto (entre as leguminosas incluem-se a fava, ervilha, grão-de-bico, feijões, tremocilha, ervilhaca, luzernas, serradelas, trevos, alguns arbustos como as giestas, tojos ou piornos, ou mesmo árvores, como a alfarrobeira).

5

Para **TORNAR O SOLO MAIS RICO, FÉRTIL E EQUILIBRADO**, contribuindo para reduzir as pragas e doenças e melhorar a saúde das árvores:

• **Criar pastagens permanentes biodiversas**, pastagens que depois de semeadas, se mantém pelo menos por 5 anos mas podem durar décadas, compostas por um grande número de espécies e variedades (até 20), através de uma mistura de leguminosas (trevo, serradela, biserrula, luzernas) e gramíneas (azevém, panasco ou pé-de-galo, festuca alta, rabo-de-zorra); estas pastagens vão permitir dar aos animais uma alimentação mais rica em nutrientes e durante mais tempo.





6

Para **MELHORAR A PRODUTIVIDADE DO SOLO** contribuindo, simultaneamente, para a restauração de ecossistemas e para o incremento da biodiversidade:

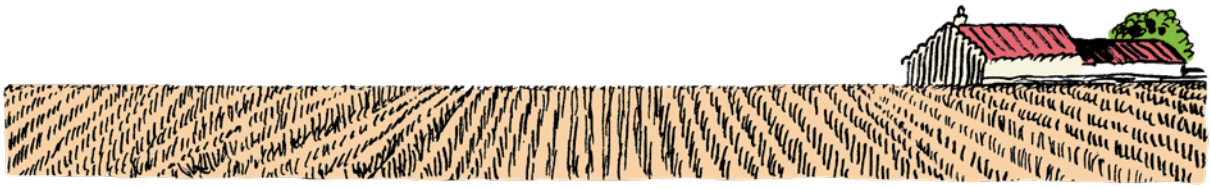
• **Aplicar o pastoreio rotativo**: neste sistema os animais pastam em pequenas parcelas durante um curto período de tempo, ficando depois as parcelas em descanso durante um período mais alargado para permitir a recuperação da pastagem e o restabelecimento do seu potencial produtivo; este processo repete-se depois pelas restantes parcelas disponíveis.

7

Para **CONTROLAR AS PRAGAS** de insetos prejudiciais ao montado de forma natural, através do aumento da biodiversidade:

• **Criação de abrigos**, quer para insetos auxiliares, répteis e anfíbios, quer para aves e morcegos, ajudando a regular as populações de insetos prejudiciais.







Conceção e Produção: **Javalimágico** // Coordenação: **Hugo Tornelo e Rita Gonzalez** // Histórias escritas por: **Ana Bárbara Pedrosa, Ana Margarida de Carvalho, Afonso Cruz, Luís Afonso** // Histórias desenhadas por: **Joana Afonso, João Maio Pinto, Marta Teives, Nuno Saraiva** // Design Gráfico: **Rui Santos** // Agradecimentos: **Alexandre Coutinho, Alice Tornelo, Ana Soares (CM Odemira), André Vizinho, Artur Lagartinho (LIFE Montado-Adapt), Diana Almeida, Idálio Loução (CM Odemira), João Pereira, Lurdes Rodrigues, María Bastidas (LIFE Montado-Adapt), Nuno Mamede Santos, Paula Canha (AE Odemira-Clube de Ciência Viva), Paula Silva, Sofia Afonso.**

Data de edição: Agosto de 2022

Um projeto de: javali mágico

Cofinanciado por: COMPETE 2020, PORTUGAL 2020, UNIÃO EUROPEIA Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

Apoios: LIFE MONTADO ADAPT, Odemira MUNICÍPIO, clube CIÊNCIA VIVA, THE SQUARE

Histórias à sombra do Montado



historiasasombradomontado.pt